

## Hércules: um herói das fronteiras

Orlando Luiz de Araújo  
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Hércules, o mais célebre e popular dos heróis gregos, é um herói que vive na fronteira. Como o deus Dioniso, que sai da Trácia e tem seu culto na Grécia, Hércules empreende uma viagem em direção ao extremo Ocidente. Por meio da narrativa mítica, sabemos que o herói se apossa dos bois de Gérion “além do ilustre Oceano” (Hesíodo, v.208), e os conduz à Grécia. Para realizar a tarefa, obteve emprestada uma taça, que o Sol a usava como embarcação para transportar-se ao seu palácio no Oriente do mundo. Assim, Hércules passa pela experiência dos limites entre dois mundos. O herói vive outra experiência mais radical: descer ao Hades, personificação dos Infernos, para trazer de lá o cão Cérbero. Desta forma, descer aonde o sol desaparece é entrar em contato com o invisível, o inusitado, com as extremidades do todo: da vida e da morte. Aí, encontramos Hércules nas fronteiras do mundo dos homens e do mundo dos deuses, onde o herói passa do dia à noite, da vida à morte. Nosso objetivo, nesta comunicação, é analisar as fronteiras míticas nas quais o Sol aparece como modelo sintagmático em relação com a Noite escura que constitui o modelo paradigmático do espaço invisível que aponta para a aniquilação e a morte do herói como processo de individuação para atingir a luz olímpiana junto a Zeus, seu pai.

**Palavras-chaves:** Mitologia, Hércules, Hades.

**Linha Temática:** Diálogos intertextuais com a Literatura Clássica

\* \* \*

Para o nosso propósito, iniciaremos com um dos trabalhos de Hércules, dentre aqueles que ficaram conhecidos como os 12 trabalhos. Pela importância que tem nas narrativas míticas, por causa das empresas realizadas, como observa Diodoro Sículo (IV.8), já no século I a.C., na sua *Biblioteca Histórica*, é possível pensarmos que Hércules é um herói que supera a todos os outros pelas tarefas realizadas. Como Odisseu, Hércules é o homem que vagueia por lugares remotos, destrói cidades, mata reis, enfim, penetra os lugares mais invisíveis da terra. Dos espaços que ele penetra, destacamos o extremo Oriente e o Hades.

O tema das esferas subterrâneas, o mundo infernal das sombras identificado com a

divindade grega Hades, já aparece na *Iliada* (8.362-69)<sup>1</sup> e na *Odisseia* (11.620-26),<sup>2</sup> de Homero. Nesse último poema, o herói Odisseu, na tentativa de retornar à pátria, Ítaca, empreende uma viagem com muitos percalços e conhece muitos lugares, dentre os quais, as inferas paisagens do Hades, o lugar para onde vão todas as almas, quando são privadas da vida. No canto 9.523-24, Odisseu dirige-se ao ciclope Polifemo com as seguintes palavras:

“Quem me dera ser capaz de te privar da vida  
e de te mandar para a mansão de Hades!”

Abster-se da vida é passar a pertencer ao reino das sombras, onde Hades e Perséfone, sua esposa, governam. Descer ao Hades é prescindir da vida. O ato de Odisseu de cegar o ciclope não é suficiente para privá-lo da vida. Assim, a cegueira de Polifemo, permite-lhe viver outra experiência, a experiência da sombra, o contato com o mundo invisível, sem que para isto a morte seja necessária. No canto seguinte, em (10.490-95),<sup>3</sup> Odisseu faz menção às palavras de Circe, quando o deixa partir rumo a Ítaca, mas lhe adverte de que antes deverá realizar outra viagem; o herói terá que descer à morada de Hades e da temível Perséfone, para consultar Tirésias, o vidente, alguém que participa, pela cegueira, das extremidades, pois vive na fronteira do visível e do invisível.

À primeira vista, Circe submete o herói a uma tarefa impossível, visto que jamais nenhum homem foi ali e retornou. Ora, sem saber qual caminho seguir, sem noção da distância a percorrer, para Odisseu a viagem torna-se inviável, salvo se lhe acontecesse, talvez, o que ocorreu com

<sup>1</sup> Nem se lembra de certas coisas, como amiúde seu filho / eu salvei, agastado pelos trabalhos impostos por Euristeu. / Frequentemente ele dirigia queixas ao céu; e Zeus / enviava-me do céu para lhe prestar auxílio. / Se tudo isto eu tivesse sabido no meu espírito prudente, / quando Euristeu o enviou para a mansão de Hades, o Guardião, / para do Érebo trazer o cão de Hades detestável, / às íngremes correntes da Água Estígia não teria ele escapado. (Todas as citações da *Iliada* e da *Odisseia* são feitas a partir da tradução de Frederico Lourenço).

<sup>2</sup> Eu era filho de Zeus, por sua vez filho de Crono, mas tive / sofrimentos incomensuráveis; a um homem muito inferior / tive de prestar serviço, que me impôs pesados trabalhos. / Uma vez até para cá me mandou, para trazer o cão de Hades. / Pensava que não havia trabalho mais dificultoso que este. / Mas eu levei o cão, trazendo-o da mansão de Hades, / Hermes me acompanhou e Atena de olhos esverdeados.

<sup>3</sup> Mas tendes primeiro que cumprir outra viagem / e descer à morada de Hades e da temível Perséfone, / para consultardes a alma do tebano Tirésias, / o cego adivinho, cuja mente se mantém firme. / Só a ele, na morte, concedeu Perséfone o entendimento, / embora os outros lá esvoacem como sombras.

Elpenor que, pesado de vinho, caiu do telhado. O pescoço separou-se do corpo e sua alma desceu ao Hades. Apesar disso, o grande desafio de Odisseu não é ir à mansão dos mortos, mas, ao descer, de lá voltar.

A descida ao Hades tornou-se um *tópos* comum na literatura grega posterior. Na comédia *As Rãs*, de Aristófanes, o deus Dioniso, disfarçado de Hércules, vai ao Hades para trazer o dramaturgo Eurípides, que havia morrido recentemente, enquanto que Eurípides, na tragédia *Alceste*, apresenta o herói Hércules descendo aos domínios de Hades, para trazer de volta Alceste, a esposa de Admeto, o rei da Tessália. Na comédia, Dioniso, que não sabe o caminho para o Hades, busca a ajuda de Hércules, por este já ter descido uma vez e de lá regressado:

Hércules: Quer que eu indique uma descida, um caminho rápido?

Dioniso: Por Zeus, eu quero, não sou andejo...

(...)

Hércules: Por qual então?

Dioniso: Por aquele por onde você desceu aquela vez.<sup>4</sup>

Dioniso faz referência ao caráter erradio de Hércules, o herói que conhece muitos lugares na terra, mas também fora dela. Esta passagem permite-nos, ainda, situar a localização do Hades debaixo da terra, na menção que Hércules faz de descer, por meio do verbo *κατέρχομαι*, na forma do aoristo *κατήλθε* (v.136), enfatizando a ideia de que o herói desceu uma vez ao Hades e de lá retornou. Hércules, o mais célebre e popular dos heróis gregos, como o deus Dioniso, é, assim, um herói que vive na fronteira. Da mesma forma que Dioniso sai da Trácia e tem seu culto na Grécia, ou como Odisseu, que intenta a viagem de volta a Ítaca, tendo que descer ao Hades, Hércules empreende uma viagem em direção ao extremo Ocidente.

Por meio da narrativa mítica sabemos, e Aristófanes reafirma na peça supracitada, que o herói, diferentemente de Dioniso, como este aparece na comédia, é um *βαδιστικός* (v.128), um caminhante incansável. Nas várias viagens que realizou, Hércules penetra, como menciona a Hesíodo, na *Teogonia*, no país das Hespérides, o qual se situa para além “do glorioso Oceano” (v.215). Assim, Hércules está sempre às margens do mundo. Asseverar que Hércules é um herói que vive na fronteira do mundo é, ao mesmo tempo, relacioná-lo com o espaço marginal em que se

---

<sup>4</sup> Tradução de Ana Lia de Almeida Prado e Silvia Sueli Milanezi.

insere como invencível e civilizador, limpando a terra de monstros.

Dentre os feitos que o envolvem ir a um lugar fora do escopo de visão humana, como transpor o além do Oceano, está a descensão ao reino de Hades. No relato da descida do herói ao Hades, três são os espaços que convergem para sua construção: primeiro, a cidade de Tirinte, em Micenas, o centro do poder de Euristeu, na qual Hércules é impedido de entrar e da qual é enviado para realizar os trabalhos; segundo, o Hades, lugar do invisível e, terceiro, os espaços de transição que se situam nas extremidades do mundo conhecido, onde habitam as feras, os monstros e os seres sobrenaturais que o herói deverá destruí-los, para que possa realizar suas tarefas.

A circunscrição de Hércules no espaço de transição dá-se pela natureza do herói que o afasta, ao mesmo tempo, do convívio civilizacional representado pela noção de cidade e do Hades, região dos mortos. No episódio do leão de Némea, Euristeu, assustado com a valentia do herói, o proibiu de entrar na cidade, ordenando-lhe depositar os despojos dos trabalhos às portas da cidade. Portanto, a porta como o limite, como a fronteira que liga dois espaços é, por excelência, o espaço de Hércules. É na experiência da radicalidade de descer ao Hades, para trazer de lá o cão Cérbero, que Hércules se define como herói fronteiriço. Desta forma, descer aonde o sol desaparece é entrar em contato com o invisível, o inusitado, com as extremidades do todo: da vida e da morte. Aí, encontramos Hércules, o “invencível”, que é mortal, na estrema entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses, na linha divisória entre o espaço do dia simbolizado pela visibilidade da luz e o da noite, representado pela invisibilidade da escuridão do Hades, dito de outro modo, pelos limites entre a vida e a morte.

Hércules também se situa como raiano, quando se movimenta na variada geografia dos confins, espaço do exílio, da segregação e do abandono. Ainda criança, o herói foi enviado por Anfitrião para o campo e, ali, encarregado de cuidar de animais. Ora, mesmo que o campo seja o espaço identificado com a tranquilidade e a inocência, em contraponto à cidade, o intento do seu pai adotivo era o de castigar o filho, retirando-o da visão do que é conhecido como civilizado. Neste sentido, Hércules se põe, pela primeira vez, diante da sua natureza: o herói vagamundo. A partir daí, delineará sua trajetória como o homem confinante dos lugares remotos. Desde cedo, Hércules cria as primeiras categorias com as quais vai enfrentar o mundo que a natureza lhe oferece: sombras e trevas, essas, muitas vezes, manifestando-se de forma espetacular.

À medida que cresce, sua natureza se solidifica, e Hércules rompe as fronteiras geográficas delimitadas pelos muros da casa, da escola, da cidade e penetra, como bem observa Pereira (2008, p.61), “num mundo imaginário que em breve se lhe revelará fonte de distopia”. Para Pereira, a

distopia está relacionada com a fronteira entre o palácio de Hércules em Tebas e o de Euristeu, em Micenas. Na nossa análise, consideramos o Hades modelo de distopia radical, lugar aonde se vai, se ainda não morreu, por meio da fantasia. Aqui, impõe-se um problema, uma vez que a narrativa mítica de Hércules não o representa como louco, quando desce ao Hades. É no drama que Hércules será desenhado como alguém que, em delírio, transpõe o espaço físico, e, passeando pela casa, pensa ter chegado à cidade de Niso. Há, desse modo, um jogo entre espaço real e espaço da fantasia. Esse aspecto quase lúdico, que entra na composição do mito de Hércules, revela uma nova fronteira na vida do herói, visto que para ele o mundo dito civilizado se mostra demasiado incongruente, de modo que é necessário higienizá-lo. Para o herói, os seres da fantasia se manifestam deveras reais, já que os monstros que ele destroem ocupam o espaço fora da norma, e é aí que ele se movimenta, pois é neste espaço, que o herói se sente em casa.

Desse modo, descer ao Hades, é a maneira que o herói encontra de se conciliar com o mundo dos vivos; é a maneira de ele se confrontar com a instabilidade e a fragilidade da vida humana, passando por um processo de individuação. Sair de debaixo da luz, baixando ao Hades, a potência ífera da vida, é elevar-se aos céus, em direção aos olímpianos, especialmente, a Zeus, cuja visão paterna, de longe, sempre acompanhara o dileto filho por todos os espaços terríveis e tenebrosos. Do mesmo modo, o herói que aparecia como aquele que, por toda parte onde passava, espalhava as benfeitorias da civilização (Diodoro, 199), agora repousa sempiterno na morada dos deuses eternos após “os penosos trabalhos empreendidos em proveito do gênero humano” (Diodoro, 200).

Mais uma vez, surge o binômio *descensus/ascensus* simbolizados no eixo Hades/Hélio, este o Sol. As duas divindades estão em simetria quanto à função que exercem na sua jurisdição e no movimento de rotação. O Sol, que renova a esperança diária para quem o contempla, aparece como modelo sintagmático em relação com a Noite escura, que constitui o modelo paradigmático do espaço invisível que aponta para a aniquilação e a morte de Hércules como processo de individuação para atingir, assim, a luz olímpiana junto a Zeus, seu pai. Descender ao Hades não confere a Hércules o título de transgressor, mas é de lá ascender trazendo Teseu, segundo a narrativa mítica, Alceste, no drama de Eurípides, e Ésquilo, n’*As Rãs*, de Aristófanes, que dele o herói da estrema, o herói que é, por natureza, (i)mortal, (i)nvencível e transgressor de espaços.

### Referências bibliográficas

- Aristófanes. (2011) *Ranas*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires.
- Aristófanes. (s/d) *As Rãs*. Edição mimeografada.
- Grimal, P. (1993) *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A.
- Hesíodo. (2013) *Teogonia*. São Paulo: Hedra.
- Homero (2013) *Iliada*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Homero (2011) *Odisseia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Sicilia, D. (2004) *Biblioteca Histórica (Libros IV-VIII)*. Madrid: Editorial Gredos.